



DESAFIOS DA DOCÊNCIA: VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ESTÁGIO ESCOLAR

Drieli Gasso Colman¹
Francéli Brizolla²

O presente relato de experiência descreve a vivência da autora como professora estagiária, na época graduanda do curso de Línguas Adicionais - Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus Bagé. O estágio foi realizado com seis turmas do ensino médio em uma escola pública estadual, na cidade de Bagé, no ano letivo de 2021. Durante o estágio, a autora lecionou inglês para três turmas de terceiro ano, e espanhol, para duas turmas de segundo ano e uma turma de terceiro ano no segundo dos quatro bimestres escolares. Antes do início do estágio, foram passadas algumas orientações por parte da docente responsável da UNIPAMPA para a turma de professores(as) em formação; as orientações versaram sobre vestimenta adequada para estar em sala de aula, uso de maquiagens discretas e que, tanto as professoras quanto os professores estagiários, deveriam estar atentos aos seus comportamentos e formas de se expressar enquanto ministravam as aulas e nas relações com os estudantes, pois os mesmos são adolescentes. A experiência docente revelou dinâmicas distintas entre as turmas, especialmente entre duas turmas de segundo ano, denominadas aqui de 2A e 2B. O relato baseia-se em observações das dinâmicas das aulas dessas duas turmas e as interações com os estudantes e colegas docentes em ambientes como a sala dos professores nos intervalos entre as aulas. A autora conduziu aulas interativas, baseadas nas Metodologias Ativas de Berbel (2011) onde os estudantes se organizavam em grupos e eram realizadas pequenas gincanas com perguntas sobre o conteúdo ministrado na aula; também eram utilizados outros jogos, como bingo, e atividades escritas. Em cada proposta pedagógica aplicada, ocorria a observação do comportamento dos estudantes durante as atividades propostas. A turma 2A era considerada a "pior" pelos colegas docentes devido ao comportamento agitado e conversas constantes dos estudantes; tal turma contava, em média, com 30 estudantes, enquanto a turma 2B era vista como a "melhor" por ser mais silenciosa, já que os estudantes não conversavam tanto entre si e preferiam usar o celular, ainda que o uso deste fosse proibido durante as aulas, a turma também tinha em média 30 estudantes. Contrariando as expectativas dos colegas, a autora encontrou na turma 2A um grupo animado e participativo, engajado nas atividades propostas, sem apresentar problemas significativos. Por outro lado, a turma 2B, embora quieta, mostrava-se apática e demandava mais esforço para que os estudantes participassem das atividades, apresentando desempenho inferior. A discrepância nas percepções, que foram expostas em conversas na sala de professores, levou a alguns comentários das demais professoras, onde ocorreram algumas afirmações sobre que a turma 2A somente era "agradável" durante as aulas porque a professora estagiária era "jovem e bonita", e que isso interferia positivamente no comportamento dos estudantes; consideravam, também, que, como os estudantes já estavam acostumados com elas, que já eram professoras com mais idade e, em

¹ Pós-Graduanda do curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: drielicolman.aluno@unipampa.edu.br

² Professora do curso Mestrado Acadêmico em Ensino, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: francelibrizolla@unipampa.edu.br.

sua maioria, casadas, não recebiam esse mesmo resultado positivo da turma 2A. Essa acusação é um exemplo claro de violência de gênero no ambiente educacional, onde a competência profissional é desqualificada com base em características físicas e idade, ignorando-se o investimento de tempo da docente em desenvolver habilidades e metodologias que atendessem os interesses dos estudantes. Este tipo de violência não apenas impacta a autoestima e a percepção profissional das jovens docentes, mas também perpetua um ambiente de trabalho hostil e discriminatório, como apontado por Saffioti (2004): a violência de gênero se manifesta em diversas formas, muitas vezes sutis, que desqualificam e desvalorizam as mulheres em suas profissões. É essencial reconhecer e combater esses preconceitos para assegurar um ambiente educacional mais justo e inclusivo. A percepção de que a aparência influenciava o comportamento dos estudantes minimizava a competência, metodologia e os estudos da professora, desqualificando seu trabalho. É fundamental abordar e superar tais preconceitos no ambiente escolar para promover uma avaliação justa e baseada em méritos reais.

Palavras-chave: Violência de Gênero; Ambiente de Trabalho; Experiência Docente;

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

AGRADECIMENTOS: CAPES, Universidade Federal do Pampa, Mestrado Acadêmico em Ensino.